



Takao Amano

ALN Revisitada

Esta entrevista foi realizada na USP em 18 de fevereiro de 2011. Participaram: Lincoln Secco, André Amano, Eduardo Bellandi e Ciro Seiji Yoshiyasse. Os entrevistados foram os ex-militantes da ALN: Francisco Mendes (Chico Mendes ou Chiquinho), Wilson do Nascimento Barbosa e Takao Amano.

LS: Por que surgiu a dissidência da Guanabara?

CM: Na verdade, havia quase uma hegemonia do partidão, o Partido Comunista Brasileiro e uma insatisfação porque o mundo estava mudando, buscavam-se novas formas de luta. A guerrilha era uma forma de luta que estava levando alguns países a fazerem a sua revolução. A DI, a dissidência estudantil da Guanabara era uma dissidência do partido comunista.

É estranho que se critique o aparecimento de muitas organizações. O marxismo é uma síntese da história. Ele tem que ser uma doutrina viva. Quando um grupo incorpora uma crítica e parte para novos caminhos, isso expressa certa necessidade social. Muitas pessoas não queriam conviver com a ditadura e isso, certamente, era bom. É estranho criticar, desde uma suposta base materialista, estas pessoas como erradas. Tem muita gente que confunde marxismo com religião.

WB: Até 1935, prevaleceu na III Internacional a linha da Revolução de Outubro como “caminho universal”. Em 1935 aqui no Brasil, foi feita uma mistura da Revolução de Outubro com um levante militar, e aquilo não funcionava. Aquela linha se desmoralizou. Então, eles colocaram a linha da frente única que é linha que gerou a Europa Oriental e a China se travestiu disso, embora a China fosse uma revolução de verdade. E o partidão, que não era o partidão e sim o PCB, não teve como resolver esse problema. Ele resolveu esse problema administrativamente porque como não podiam criticar a

União Soviética, os seus dirigentes ficaram com linha antiga, aliados do PC chinês, pelo menos psicologicamente aliados e outros ficaram com a linha do Krushev, que evidentemente era um retorno à Social-Democracia. Administrativamente, essa questão do PCB foi resolvida em 1958, com um golpe que Prestes deu e botou a velha direção para fora. E fez aquela Declaração Política de março de 1958. Isso durou até 1961. Em 1961, aconteceu algo que desgelou isso, que foi a expulsão da Albânia unilateralmente do campo socialista. O Krushev num discurso expulsou a Albânia do campo socialista.

Então isso gerou um trabalho de sapa que apareceu instantaneamente no partido comunista. Então, por exemplo, se você chegasse em dezembro de 1960 e fosse num editorial do partido ou numa festa de livros do PCB só tinha material linha justa, tinha material soviético e chinês. Se você chegasse lá em julho de 1961, um terço do material que estava lá era de crítica ao revisionismo, crítica à social democracia, crítica à traição da revolução, elogios a Stalin etc. Quer dizer, é evidente que já tinha se dividido e isso teria que chegar a um ajuste de contas no plano máximo.

Lembro-me até que no dia em que conheci pessoalmente o Marighella. Era um encontro do partido em 1961. E naquele encontro no Glória, que era uma das sedes do Comitê central, na praça da Cinelândia. Ia ter uma palestra do Prestes. Eu encostei no balcão e tinha um monte de material albanês, iugoslavo que evidentemente estava sendo vendido, mas que não deveria estar ali e o Apolônio de Carvalho começou a fazer ironias ali do lado. Ele dizia, 'Olha, isso é da Albânia, esses albaneses estão defendendo uma linha de tipo antigo. Nós que somos antigos, somos muito velhos no partido, não conseguimos assimilar essas linhas novas, essas posições corretas, e ficamos lendo esse troço aí, essas coisas velhas'. Aí o Marighella chegou e começou a fazer brincadeira também sobre a mesma coisa. Então, ficou uma roda de deboche da linha justa e eu no meio. Foi quando o Apolônio me apresentou o Carlos Marighella e ficou ali uma meia dúzia de dirigentes, caras do Comitê Central, do Comitê Regional do Rio de Janeiro. Então, fica claro que o partido estava dividido.

A experiência que eu vivi na DI foi a seguinte: no Comitê Universitário do Rio de Janeiro, a base maior era a chamada

base da Faculdade Nacional de Filosofia. No golpe de 64, ela tinha 110 militantes e as outras bases, as maiores tinham 30 e por outro lado a influência política da Faculdade de Filosofia mobilizava mais da metade do Comitê Universitário, porque nós constituíamos uma posição que foi se radicalizando e se tornando maoísta, logo o Comitê Universitário reprimia a gente para o nosso maoísmo não contaminar as outras bases. Como eles faziam isso, nós passamos a fazer um trabalho aberto recrutando as outras bases. Mais da metade dos militantes do partido no Rio de Janeiro eram pró-chineses.

Quando houve o golpe de 64, aquela direção toda ou foi expulsa da universidade, caiu na clandestinidade ou saiu do Estado. Daí subiu um segundo grupo formado por eles, que vai gerar a DI. A DI era da mesma linha que a gente tinha lá, só que se recusando a ir aos congressos do Comitê Universitário, porque o congresso do Comitê Universitário era completamente desmoralizado. Você fazia conferência para eleger a direção do partido e a direção estava pré-eleita. A direção oferecia prêmios e as pessoas que trocavam de lado poderiam ser premiadas com aquilo que a direção prometeu. No pós-64, à medida que a situação foi se radicalizando, não havia mais clima para aquilo. E aqui em São Paulo foi a mesma coisa.

TA: Aqui em São Paulo foi um pouco diferente, pois os próprios dirigentes do Comitê Estadual do PCB de São Paulo, dentre eles, Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira (o Toledo), iniciaram um processo interno de discussão crítica e autocrítica da atuação da Direção Nacional nos eventos que culminaram com a derrocada do governo democraticamente eleito de Jango Goulart e a instauração de uma ditadura civil-militar em abril de 1964.

Nos idos de 1966 com a abertura das discussões das Teses do 6º Congresso Nacional do PCB, os comunistas de São Paulo, liderados por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, “fizeram” a maioria dos dirigentes no Comitê Estadual paulista, o que provocou a reação do Comitê Central liderado por Prestes, culminando com a intervenção no Comitê Estadual recém-eleito e a nomeação de um interventor. Este processo de luta interna deu origem à cisão do PCB em São Paulo que mais adiante deu origem a formação do Agrupamento Comunista de São Paulo, que, em 1969 transformou-se na

Ação Libertadora Nacional- ALN. O confronto interno se deu, fundamentalmente, entre as teses que adotavam o caminho pacífico da revolução, que têm como fundamento a Declaração de Março de 1958, e as teses que advogavam o caminho violento, armado, para a transformação da sociedade brasileira que tinham como paradigmas, as experiências das revoluções ocorridas na China, Argélia, Cuba e Vietnã, dentre outras.

WB: Depois do golpe, a direita do PCB tirou um documento dizendo que o golpe foi dado por causa do esquerdismo de certos elementos da direção do PCB que acelerou o choque, coisa completamente fabricada.

LS: Quando vocês eram do PCB já havia uma alternativa: o PCdoB. Por que vocês não aderiram a ele?

CM: Eu não fui militante do partido.

WB: Na nossa experiência lá no RJ, o PCdoB não tinha muito prestígio nesses novos militantes que entraram depois da linha de 58, porque a direção do PCdoB era vista no PCB como autoritária, completamente desmoralizada, porque aquela farra de autoritarismo quem fez antes de 58 foram Grabois, Pomar, Amazonas, Arrudão. Eles tinham sido chefes do PCB. O Diógenes Arruda, o Arrudão, era o segundo homem do PCB. A quantidade de piadas que existia sobre o autoritarismo do Arrudão era interminável. Ninguém daquela nova militância confiava nesses dirigentes. Não passava pela cabeça de ninguém ir para o PCdoB. E para o indivíduo que vinha do meio universitário, a linha do PCdoB era uma muito rústica, porque ela era exatamente a reprodução da linha de 54, era a linha do IV Congresso. Eles não fizeram uma outra. Então, aquilo era considerado para quem tinha nível universitário uma elaboração teórica muito pobre, que estava no livro do pensamento do PCB em 54. Vocês conhecem até a história que dizem que o próprio Stalin corrigiu a linha de 54 e deu para o Subolobov entregar para o Arruda. Então, mesmo corrigida pelo camarada Stalin em 53 antes de ele morrer, era uma linha completamente ultrapassada para qualquer moleque que estudava no Brasil. Essa linha aqui já era, e isso bloqueou o PCdoB. Eu trabalhava na Associação Sino-Brasileira e me dava muito com Grabois e a gente arrumava aqueles vitrôs, abria as caixas de livros, vendia livro, batia um papo o tempo todo. A gente conversava sobre política, sobre a direção do PCB, sobre

a luta revolucionária, mas nunca me passaria pela cabeça entrar no partido do Grabois. Seria voltar aos problemas anteriores.

TA: No período antes do Golpe de 1964 todo o partido, desde o setor operário, estudantil, e da intelectualidade, foi ganho pela linha democrática e de massas consubstanciada na Declaração de Março de 1958 o que, no processo, gerou o amplo movimento de mobilização das massas de natureza nacionalista e democrática, tanto na área urbana como rural. O PCdoB naquela época acusava a União Soviética de trair a revolução mundial por suas posições revisionistas porque em 1956 denunciou o culto a personalidade a Stalin. Aí passaram a apoiar a China como baluarte da revolução adotando a linha política da guerra popular prolongada e do cerco militar da cidade pelo campo, copiando na íntegra a experiência de luta revolucionária chinesa.

LS: Você já era militante quando secundarista?

TA: Não, ainda não éramos militantes comunistas, mas fomos recrutados pelo Setor Juvenil do PCB no processo de trabalho estudantil desenvolvido no grêmio do Colégio Estadual Dom Pedro II em São Miguel Paulista. Nesse meio secundarista o PC do B não existia porquanto sua ênfase era concentrar o trabalho na área rural. Nosso aliado nessa luta estudantil era a juventude da ação católica, a JEC, a JOC e a JUC que posteriormente deu origem à Ação Popular-AP.

WB: Nós fazíamos muito mais trabalho de massa do que o pessoal do PCdoB. O pessoal do PCdoB era trancado, estava naquele velho estilo do PC de 48, 50. A gente estava recrutando gente todo dia, se mobilizando, escrevendo apostilinha, dando curso, era completamente diferente. A gente parecia muito mais com a Polop, que era uma organização pequena e crítica, do que com o PCdoB, que era uma organização hierarquizada, lenta, de chefes. O PCdoB praticamente só tinha chefes. Eles tinham alguma coisa dos bancários do RJ, ferroviários do Rio Grande do Sul, mineiros de Santa Catarina, mas se somasse todo o PCdoB em 1964, eles não tinham mais de 2.000 pessoas e o PCB mobilizava uns 40.000, entre os que eram membros do partido e os que se reuniam com o partido. O PCB estava em um processo de reconstrução e o PCdoB estava encolhido, estava na concha, então qualquer pessoa que militava sentia isso.

LS: Essa é uma crítica ao fechamento do PCdoB, mas a “abertura” do PCB também fracassou em 64 e causou toda uma insatisfação também.

WB: Se você me perguntar friamente, o problema do fracasso do PCB em 64 não foi propriamente a derrota do PCB, e sim que a direção do PCB não tinha flexibilidade nem capacidade política para se organizar para a derrota de 64. Eles eram arrogantes, falavam como se não fossem ser derrotados em 64, por isso que a derrota teve as proporções que teve. Se você participar de qualquer processo de luta, você vai ser derrotado várias vezes, mas na linha do PCB não tinha nada de mais o golpe de 64, era o famoso ‘viu’, ‘viu, eles não fizeram como o previsto’, mas o PCB não se preparou para isso, não tinha como recuar.

LS: Quem era a direção em 64?

WB: Em 64 era o mesmo Prestes de sempre, Giocondo Dias, Marighella, Mario Alves, Apolônio, Gorender, Jover Telles. O Birô político tinha 8 pessoas e o Comitê Central todo em 1958 tinha 15 e em 64 tinha 22 pessoas.

LS: Mas é por que eles apostavam todas as fichas na linha pacífica? Eu pergunto isso porque o Marco Antônio Tavares Coelho, que era deputado na época, lançou um livro há um tempo e ele já era totalmente dessa linha da declaração de março de 58. Ele dá mais ou menos essa versão.

TA: Sim, ele estava alinhado com o grupo baiano do PCB, que foi o responsável pela redação da Declaração de Março de 1958, cujo integrante mais ilustre é o companheiro Armênio Guedes, por vários anos da direção nacional do partido.

WB: Eu tenho uma opinião diferente. O PCB virou uma duplicidade de situação porque ele era um partido copiado do PCUS, que cada vez mais era um partido administrativo e não revolucionário. Você chegava à Rússia e via aquela máquina colossal na mão do PCUS e ficava admirando e, por outro lado, você estava em um lugar em que você tinha que fazer uma revolução ou pelo menos esperar ocorrer algum movimento de transformação para ter peso político. O PCB sempre viveu essa dualidade, os dirigentes do PCB se davam uma importância de representantes do comunismo internacional que não tinham pernas para sustentar. Eles faziam promessas de compromissos lá fora e isso não correspondia ao partido deles no plano interno. Como eles eram muito “importantes”, eram pouco

capazes para fazer as tarefas do dia-a-dia e montar um baita partido de massa como, por exemplo, o Chile montou. E lá também havia o PS que era um partido bom, e que permitiu a eleição do Allende por via eleitoral. O PCB nem tinha força para ser um partido eleitoral, mas ele tinha arrogância porque ele era o representante da PCUS na América Latina, era o partido mais importante da América Latina do ponto de vista da ótica do PCUS. Tanto que todos os partidos latino-americanos quando tinham divergências, era direção do PCB que resolvia. E a direção tinha o Luiz Carlos Prestes. Era ele que resolvia qualquer divergência. Ele estava muito em cima para se preocupar com o pequeno trabalho do dia-a-dia.

- LS: E eles convocam um novo congresso para corrigir essa linha?
- WB: Congresso era só questão de poder, era para expurgar os que estavam discordando. A visão é administrativa. É como você ter uma agência de publicidade que rende dinheiro, você não vai atrás de mais clientes. (risos)
- TA: É isso mesmo. O partido constituía um cabide de emprego de centenas de funcionários, e de militantes profissionais, que viviam as suas expensas.
- WB: Tinha mais de 100, e era pouco. E esses cem colocavam umas trezentas pessoas em instituições importantes, porque esses cem eram profissionais do partido. Viviam por conta do partido. Esses caras não têm problema nenhum de aposentadoria. Mas esses cem tinham, uns trezentos subalternos que politicamente ainda resolviam o problema do cara. Eles arranjavam um emprego para você na Rede Ferroviária Federal. Você ia lá, batia o ponto, mas estava feliz com o partido. E o seu chefe que botou você lá sabia disso.
- LS: E o financiamento?
- WB: Esse era o financiamento. Tinha gráfica, editora, livraria, essas coisas rendiam uns trocados, ainda tinha a ajuda de Moscou, mas era aleatória. Então, por exemplo, você é um dirigente muito importante, você vai lá e o cara dá uma ordem de dar uma grana para o fulano, no jornal, na editora.
- CM: É interessante que em 66, você encontrava todos os livros do partido à venda, cansei de comprar os livros editados pelo partido. Todo mundo sabia, era só chegar lá e comprar as publicações do partido. No pós-golpe, né?

- LS: Ainda havia certa liberdade?
- WB: Aquelas livrarias soviéticas que o partido tinha, recebiam os livros dos soviéticos, a renda toda era de livros dados.
- TA: Logo após o Golpe de 64 os primeiros seis meses foram de repressão intensa, com prisões, torturas aos presos, censura nos órgãos de imprensa, intervenção nas entidades dos trabalhadores, dos estudantes e perseguição no meio cultural e artístico, e o êxodo de milhares de brasileiros perseguidos buscando refúgio no exílio. Passados os momentos iniciais de perplexidade pela brutalidade e sanha dos golpistas, vários setores da sociedade civil dão início ao processo de reorganização das entidades e dos movimentos, tendo como setores de vanguarda nas iniciativas, os setores médios, os estudantes e a intelectualidade. Os anos de 1965 até o Ato Institucional no. 05 de 13.12.1968 pode mser considerados um período de considerável crescimento do movimento de massa, particularmente o estudantil, realizando reiteradas passeatas de protestos contra a ditadura nos maiores centros urbanos do país.
- WB: A política da ditadura era anti-operária, uma política feroz de desemprego, de salário baixo começou a jogar operários para dentro do partido de novo. Eu me lembro aqui como eles cresceram na área de Santo Amaro, São Bernardo. Em 1965 e 1966, o partido cresceu enormemente na periferia de São Paulo e se tornou operariamente mais importante do que era em 1964. Em 1967 e 1968 o partido tinha mais gente nas fábricas do tinha em 1964.
- CM: Isso aconteceu com todos os partidos de esquerda nesta época, todos eles cresceram após o golpe. Primeiro minguaram e depois cresceram de novo.
- TA: O fechamento mesmo veio com o AI-5 em dezembro de 1968 com a invasão das maiores Universidades do país, o fechamento do Congresso nacional e o recrudescimento da repressão em todos os setores da sociedade.

A Cisão e a Formação da ALN

- CM: A ALN tem que ser vista como crescimento da luta interna, com a postura do Marighella, mas não só isso.
- TA: Neste sentido, a influência de Cuba é decisiva, particularmente com a participação do Marighella (à revelia da direção do PCB) numa reunião de partidos e movimentos de esquerda da

América Latina denominada Organização Latino-Americano de Solidariedade – OLAS (ou ondas em espanhol) realizado em Havana em meados de 1967 que define linearmente para todo o continente latino-americano o caminho da luta armada, da guerra de guerrilha e o “foco” para a transformação estrutural da realidade econômica e social da América Latina. A participação do Marighella na Conferência da OLAS vai simbolizar o racha, a cisão, com a concepção de luta pacífica do PCB. Nós em São Paulo participamos dessa luta interna, particularmente no setor juvenil e estudantil aonde atuávamos e a grande maioria delas, aproximadamente 80% das organizações dos jovens comunistas, ficaram com a linha da cisão e do racha e engrossaram as fileiras do recém-criado Agrupamento Comunista de São Paulo que oficializa sua existência no início de 1968, posteriormente transformado em ALN.

WB: No No golpe de 64, o Ademar de Barros não quis fazer grandes repressões aqui em São Paulo, prendeu sindicalistas. A DOPS tomou dinheiro para soltar sindicalistas, mas não foi uma repressão feroz. Também centenas de militantes de outros Estados vieram para cá, e a reorganização aqui correu rápido. Isso favoreceu muito a formação da agrupação comunista do Marighella, porque quem dirigia o partido aqui era o Ramiro Luchesi que já estava meio velhinho, não estava muito afim de muita coisa... E quando o Marighella veio para cá, ele veio mandado pela direção para reestruturar o partido, porque o Marighella tinha uma tradição do PC de São Paulo, que vem lá dos anos 30 e 40. Ele veio e começou a arrumar o esquema dele aqui para fazer um partido de oposição à direção executiva. Quem mandava no partido era a Comissão Executiva. Ele começou a montar seu esquema aqui, começou a tomar o partido, duplicar Comitês, a pegar uma parte e dividi-la em várias bases pequenas para se infiltrar nos lugares, botar as pessoas que ele confiava mais e isso em 65, 66, até 67. E eu sou uma pessoa que naquele processo não acreditei que eles fossem fazer nada, Toledo e Marighella. Tanto que eu falei para eles: ‘eu vou embora, vocês não estão a fim de nada’. E saí do partidão na prática, saí do PCB e fiquei por aí com a Polop, grupo dos Sargentos, do MONARE, que o pessoal chamava de MORENA, a organização do Brizola, nós ficamos tentando o que seria a luta armada. E aí vieram as concepções de resistência armada.

Acho que a concepção mais sofisticada era a do Marighella e da Polop. A proposta da Polop é a organização político-militar, e a do Marighella era a chamada rede. Apolônio, Marighella, Mario Alves, meu sogro (Durval Miguel), se reuniram várias vezes e procuravam discutir questões como ‘qual era o caráter da luta que a gente está travando?’, ‘a ditadura era o quê?’ e chegaram à conclusão de que era um movimento de resistência democrática que estava em curso.

O leninismo tem definições conjunturais e essas definições geram o tipo de tática que você vai utilizar e o tipo de organização que você utiliza. A tática então gera a estratégia. Então, optaram por uma visão que era algo assim como a França ocupada pelos nazistas. Tinha-se uma ditadura militar, e a parte forte da ditadura militar era o exército, aqueles civis que apoiaram não tinham tanta importância. Essa ditadura estava a serviço de interesses externos. Quer dizer, o que exigia a ditadura no Brasil não era o grau de maturação da luta revolucionária no Brasil, não era o grau insurrecional das massas das organizações políticas de esquerda no Brasil, não era nada disso, era a conjuntura internacional. Os caras tinham uma guerra no Vietnã, o Brasil tinha de ficar na retaguarda para isso, então, eles nunca permitiriam alternativas. As forças que estavam dando o golpe na América Latina eram para consolidar a retaguarda do imperialismo, para chegar até a hipótese de que se amanhã eles precisassem, eles mandavam os soldados aqui do Brasil, como Castelo Branco para São Domingos, esse era o projeto. Então uma luta de resistência democrática para enfrentar isso tinha que ter organismos diferenciados do que tem uma estrutura de partido convencional, ter grupos armados, treinados, que fizessem segurança das manifestações. Era outra visão completamente diferente. E daí liquidar ou não o partido?

E essa visão leva a tal ideia de rede, pequenas organizações separadas do partido formalmente e que montava sua própria imprensa, seus próprios meios de combate, pequenas guerrilhas capazes de atuar. É isso vai levar à ideia de pequenas organizações, a ALN, VPR e que no fundo é o desdobramento dessas ideias. Essas ideias aparecem em 64, 65 e vão amadurecendo. Acho que o Marighella e o Toledo. Apolônio, por exemplo, disse formalmente para mim que ele era contra a liquidação do partido, quer dizer, que devia se formar as organizações de

combate, mas o partido ser mantido como partido, à margem dela, como era a experiência da 2ª Guerra Mundial na Europa. O Marighella deu um passo adiante. Pessoalmente, eu não concordava nisso. Ele chegou à conclusão de que não precisava de partido, que o partido era um aparato ruim, que era o princípio do núcleo dirigente que precisa ser dissolvido e só devia ter as organizações de combate e, mais adiante essas organizações de combate se elas fossem bem sucedidas, se fundiriam e formariam um novo partido. Caso se você fosse manter um partido no velho estilo, ele ia ser atrapalhar essa organização de combate, essa é a diferença entre Marighella, por exemplo, e o PCBR. O Mario Alves estava mais ou menos por aí nas posições dele, então, é por isso que surgiram várias organizações. Já a VPR, a MONARE, Movimento Nacionalista Revolucionário, que o Brizola colocou o nome de MORENA, Movimento Revolucionário Nacionalista. O Brizola escreveu uns três documentos em 64 e 65. Eles tinham um nome pomposo como organização, mas de fato o Brizola não tocava nada de guerrilha para frente e os milicos do Brizola começaram a fazer levantes isolados. A Guerrilha de Caparaó é feita pelo pessoal do Brizola, mas é pelos sargentos de Brasília: o Onofre, que é o Prestes de Paula, mais aquele pessoal da Marinha que criou o MAR (Movimento de Ação Revolucionária).

LS: Além de haver várias organizações nessa concepção do Marighella, a própria ALN também era totalmente dividida nesses grupos autônomos?

WB: Tinha uma estrutura grande aqui em São Paulo, que estava bem definida e dizia o Marighella que iria montar outras duas estruturas similares àquela, ia fazer três organizações iguais para se revezarem na ação. E havia uma estrutura grande que era o grupo do Xuxu, lá de Minas, do Mario Alves, que entra inteiro na ALN, que fez aquele acordo com o Marighella. Eles resolveram criar os tais grupos de treinamento em Cuba, começaram a mandar o primeiro, o segundo e o terceiro.

EB: E quem é o Xuxu?

TA: Xuxu é o nome de guerra do companheiro Mario Zanconato que pertenceu à dissidência do PCB em Minas Gerais e um dos 15 prisioneiros libertados através do sequestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick.

LS: Todos os militantes tinham de fazer cursos de treinamento em Cuba?

WB: Não, a rede de combate. Essas organizações eram para a rede de combate, tem uma rede de apoio e uma rede de imprensa de massa, são três estruturas juntadas em uma rede só.

LS: Que eram os grupos táticos?

TA: A estrutura da organização – ALN era composta de três setores: do setor militar, denominado Grupo Tático Armado - GTA, do setor de Logística ou de apoio e da Frente de massas.

LS: Quem ia para o grupo tático geralmente fazia um treinamento?

WB: Se o cara já tinha um treinamento militar, não precisava.

TA: O grupo tático armado era composto de vários grupos unitários de no máximo 5 membros e em cada um desses grupos de 05 havia um representante que se ligava a outro representante de outro grupo de 05 membros, assim sucessivamente. Em geral um GTA era composto de aproximadamente 3 ou 4 grupos de 5 membros, com efetivo total de 15 a 20 combatentes. No auge de nossa atuação em São Paulo tivemos de 3 a 4 GTAs, com sub-comandos e um comando geral que inicialmente foi ocupado pelo Marquito (Marco Antonio Braz de Carvalho) e posteriormente sucedido pelo Jonas (Virgílio Gomes da Silva).

LS: E quem decidia que operação fazer? O próprio grupo poderia decidir?

WB: Só se fosse uma coisa maior ele consultava os dirigentes.

LS: O que é uma coisa maior?

WB: Como o trem pagador que era uma coisa grande, aí você consulta o comando da organização. Então, tinham ações grandes e tinham ações pequenininhas, a tendência das organizações armadas foi optar por fazer ações pequenas porque ações pequenas se houvesse um estrago não derrubava muita coisa.

EB: Fala de algumas. Qual dessas propostas resultaria em ações concretas?

WB: Um monte de banquinhos que foram roubados. Aí eu já não sei, porque eu não era responsável pela parte tática

TA: A ALN realizou várias ações para arrecadar fundos: bancos, carro forte (Brinks), trem pagador (Santos-Jundiaí), carro pagador, casas comerciais, empresas de ônibus etc. Ações para arrecadar armamento, munição e explosivos: casa de armas,

pedreiras, rádios patrulhas, mini delegacias, armas de soldados que realizavam rondas a pé etc. Ações em conjunto com outras organizações para execução sumária de agentes inimigos nacionais e estrangeiros; Ações com explosivos tendo como alvo edifícios do governo identificados com a repressão; Ações armadas de agitação e propaganda (tomada da Radio nacional com divulgação de alocação revolucionária; panfletagem armada; mini comício relâmpago armado; etc.). Execução de grileiros, jagunços na área rural. Execução de financiadores e colaboradores dos órgãos de repressão (Boilezen).

WB: Mas fazer essas coisas não é difícil, é mais difícil você usar essas coisas, você ter quadros capacitados a usar essas coisas. Porque uma arma é uma máquina, é a mesma coisa você montar uma gráfica e não ter o pessoal especializado para colocar para funcionar. Não adianta você ter um monte de armas e você não ter ninguém para usar.

TA: A nossa determinação e motivação para o combate, em parte, provêm dos exemplos de luta dos povos de todos os continentes do denominado Terceiro Mundo. Che Guevara comove o mundo, chora e sofre com as consequências da divisão no campo do Socialismo protagonizado pela União Soviética e a China. Che fica desiludido com as duas potências do mundo socialista e a revela deles, num esforço desesperado convoca os povos do Terceiro Mundo a se sublevarem contra o Imperialismo norte-americano levantando a bandeira de criar “um, dois, três, muitos Vietnãs” visando, dessa maneira, dispersar as forças do Imperialismo americano, e desta forma, aliviar a pressão militar que naquela época exercia-se contra o povo vietnamita visando sua aniquilação. Não importava para Che se havia ou não condições objetivas e subjetivas em cada país para a luta revolucionária. O importante é a luta, o movimento, o foco, a guerra de guerrilhas que criariam per si as condições revolucionárias para o triunfo da Revolução.

WB: Lutava para quebrar o isolamento de Cuba, também. Os cubanos chegaram a invadir a Venezuela. Eles desembarcaram uma tropa com 120 homens diretamente de Cuba, isso é uma invasão, pelos conceitos da OEA. Cuba apostou muito na luta da Venezuela.

TA: Creio que ocorreu vazamento e o exército venezuelano estava na praia aguardando o desembarque dos revolucionários comandados por Douglas Bravo.

WB: É, mas existia um problema objetivo para isso também. A ditadura não permitia a você fazer política, você só podia fazer política no governo. Se você fosse da oposição, podia ir ao MDB, ir a uma reunião, mas não podia fazer comício de rua, o comício tinha de ser autorizado pela polícia, só podia ser feito em época de eleições: 'para que você quer fazer um comício?' Aí eles não davam autorização. Lembro-me da campanha do Negrão de Lima, que o PCB fez uma força enorme para eleger, a gente ia fazer a campanha na rua. O Negrão de Lima era um político burguês, andava com integralistas, quer dizer, era um cara da ordem. Suspeitar do Negrão de Lima era um absurdo, o homem do Kubitschek. O Kubitschek ajudou a dar o golpe em 64. Eu me lembro de um comício em que nós éramos 150, e tinha uns 120 caras da Dops batendo, inclusive com cano de ferro, não era com cassetete, não. A gente ia também preparado, porque ali estava a juventude do partido. Então, isso era uma coisa que inviabilizava a ação política. Você ia à porta de fábrica em 64 para fazer uma panfletagem e era recebido à bala pelos seguranças. Agora, quando você começava a chegar lá armado, avisava para eles, 'Vocês ficam aí dentro, senão a bala vai comer aqui'. Então você fazia a panfletagem e eles não faziam nada. Em uma circunstância dessas é evidente que você precisa ter destacamento armado e você vai ter luta armada.

TA: Até mesmo para auto-defesa.

CM: Outras políticas adotadas pelo governo, por exemplo: naquele prédio no Edifício Itália, você saía lá no último andar, ia descendo a rampa e encontrava todo mundo. O que o governo fez? Separou as universidades. Todas elas eram juntas. Você tinha geografia, história, sociologia, filosofia, comunicação, tudo isso no mesmo prédio. Comunicação foi para um prédio, Letras foi para outro. Não tinha mais refeitório, não tinha nada que possibilitasse um encontro... Além do mais...

WB: Tinha uma coisa interessante, se você fosse um estudante que no ano passado você enchesse o saco, sua matrícula não era deferida. E quando veio o 477, você não acompanhava o processo. Eles podiam botar os alunos para fora da faculdade à vontade. E puseram milhares.

LS: O que era o 477?

CM: O 477 era uma portaria discricionária do MEC que te expulsava da universidade e impedia você de voltar. Ela puniu milhares de estudantes durante a ditadura.

WB: Então, as matérias que você fazia não valiam de nada. Você perdia o seu curso. Ou seja, eles te atingiam pessoalmente.

LS: E vocês foram expulsos?

WB: Eu fui expulso seis meses depois de terminar o curso. Havia sido suspenso no ano anterior e o Ministro de Educação anulou a punição. Depois do golpe, quando já estava de curso terminado, fui expulso. Eu e mais dezoito.

CM: Quando eu comecei a responder ao processo administrativo, ainda não havia o 477. Mas aí veio o 477, eu e mais dez pessoas da Faculdade fomos enquadrados no 477. Eu fazia Comunicação nessa época na UFRJ, naquele tempo chamada de Nacional.

EB: Em que ano que era?

CM: Foi em 67 e em 68 veio o decreto, aí a gente já tomou o conhecimento da coisa, passaram arbitrariamente o processo, encaixaram no 477. Só vim ler o processo em 1980, depois que voltei do exílio. Nem conhecimento você tomava, eu nem podia entrar na sala de aula. Eu chegava à Faculdade cedo, e neste dia não sei porque cargas d'água cheguei mais tarde. Havia os companheiros lá da Faculdade em várias esquinas me esperando. 'Não vai para lá, devido ao 477, a polícia está lá'. Daí em diante, não fui mais lá.

WB: Aqui na USP era a mesma coisa, o pessoal da secretaria, o Julio, chegava na sala e dizia 'Cai fora porque telefonaram agora...' E o aluno tinha que sumir.

CM: Lá na Faculdade de comunicação era o contrário, o camarada chefe da portaria era do DOPS e entregava os alunos.

WB: Pelo regulamento, porteiro de Faculdade, funcionário de prédio público eram agentes da Dops, pelo regulamento. Aqui, tinha furo, porque na secretaria tinha pessoas democratas, o Julio, por exemplo, era um democrata. Telefonavam aqui para o departamento de história e diziam assim 'Quem é?' 'Sou o secretário' 'O aluno fulano de tal está aí?' 'Olha, deixa eu ver aqui na lista, ele tem aula às quinze horas', era às 14 horas, 'Às quinze horas ele vai estar aqui'. Aí o Julio tinha um tempo para avisar aos alunos que fugissem.

LS: Então, era inviável de fato uma política de massas?

CM: Tudo era para dificultar. Mas havia núcleos combativos na massa entre os estudantes, metalúrgicos.

- WB: Tinha uma política de massas, mas se os organizadores não tivessem metido os peitos, não aguentariam, não. À medida que o movimento cresceu, veio o AI-5.
- CM: Isso chegou num ponto que para você fazer uma festa ou uma reunião na sua casa, você tinha de pedir autorização para a polícia. Só podia morar num prédio se fosse fichado na delegacia do bairro.
- WB: Eu morava na Fernandes Moreira na Chácara Santo Antônio e um vizinho deu uma festa, juntou um monte de gente, acenderam as luzes, estavam tocando jazz, de repente chegou a tropa e encerrou tudo: PM, polícia civil, polícia da aeronáutica cercaram e prenderam todo mundo. No dia seguinte, nós fomos saber que alguém telefonou e disse que era uma atividade subversiva e foram todos em cana. A festa deles acabou, ficou o bolo em cima da mesa. Isso em 65. A coisa já era assim.
- CM: E quando eu já era militante da DI, fomos formar núcleo de discussão, as células de estudo tinham de funcionar, nos reuníamos na casa de um, de outro, na casa das pessoas mesmo, mas com medo. Então, eles faziam de tudo para dificultar a união. E também a imagem que vendiam. Tem um episódio interessante, é quase cômico. No Rio tinha um estudante chamado Filósofo, andava com o cabelo grande, ele era um elemento da geração Paissandu. Um dia o filósofo estava fazendo um comício perto da sede da UNE e vem a polícia e ele sai correndo pela Rua do Catete. Ele sobe no pátio dizendo, 'eu não sou ladrão, não, eu sou um revolucionário. Viva a revolução!' O povo sai para pegar ele. Não sai contra a polícia, não. (risos)
- WB: Isso é próprio de agente provocador. E o Filósofo em 64 tinha 18 prisões. Depois se verificou que ele atuara para a polícia política.
- CS: A ALN se destacava em relação aos outros grupos por não fazer luta armada como meio de chegar até o exército popular revolucionário sem a necessidade de fazer o que os outros grupos tentavam fazer que era política de massas.
- WB: Aí é uma análise de conjuntura que o Marighella fazia. O Marighella dizia o seguinte: na situação em que o Brasil vivia, numa crise permanente, o Brasil não tinha meios para liberar as forças produtivas. O estado brasileiro não conseguia, o empresariado brasileiro deixava de investir, então havia uma crise no país. O estado investia até esgotar a capacidade, a crise

era de dez em dez anos, era uma crise permanente, e essa crise que o Brasil vivia naquela conjuntura era uma crise revolucionária. Os revolucionários deviam organizar a luta revolucionária. Então, esse negócio de ficar enfatizando a necessidade de mobilizar as massas, isso é bobagem. Lá no Vietnã, o pessoal resistiu, resistiu, até que eles resolveram meter bala nos colonialistas e quando veio o destacamento armado de 20 caras, o destacamento virou um exército popular, as pessoas preferiam aderir ao destacamento armado a aderir aos sindicatos. É mais ou menos uma adaptação da tese do Mao Tse Tung que diz já nos anos 30 que ‘a principal forma de trabalho de massa na China é a organização do exército popular de libertação’. ‘Qual é a frente de massa da China?’ ‘Construir o exército de libertação’. O Marighella está dizendo: ‘Você construiu o movimento armado?’ você tem que chegar no cara e dizer, ‘Você vai aturar essa ditadura?’ ‘Você não vai mandar bala nesses caras?’ Não importa qual é a posição política dele, você o está convidando para brigar, para a luta armada. Você não precisa passar por 500 mediações, esse é o raciocínio do Marighella. E outros grupos diziam ‘não, isso é imediatismo, primeiro você tem de recrutar a massa, você tem de organizar muito bem, e a massa vai avançando politicamente, aprendendo com sua própria experiência’. O Marighella dizia que não, que você tem de ter um destacamento armado, a massa tem de assistir a esse espetáculo deprimente para aderir a um lado ou a outro. O Marighella também não dá importância a divisões da esquerda: ‘os trotskistas são um partido, o PCB é partido, e sim a quem vai aderir à luta armada. Não temos bola de cristal e nem nos interessa. A visão dele era completamente prática. Ele achava que a gente já tinha falado demais e tinha de pôr a mão na massa.

A Guerrilha

CM: E essa colocação do Marighella gerou uma discussão, que era: ‘se existe uma burguesia nacional ou não?’, isso foi até o ponto de definição de organização, a existência ou não da burguesia nacional, ou se ela só era ligada ao capital internacional, se tinha a possibilidade ter um nacionalismo de tipo getulista... Porque havia também toda essa prática, mas havia uma ansiedade de discussão teórica muito grande. Todo mundo andava com o livro debaixo do braço e tinha de preparar a lição de casa para os grupos de estudo.

- LS: O Minimanual do Guerrilheiro Urbano fez sucesso internacional, foi traduzido.
- CM: Quando nós três chegamos no Chile, tinha encomendadores uruguaios, argentinos, palestinos, era incrível.
- LS: Qual a origem do livro?
- WB: Ele aparece em 68, agora ele começou a coletar o material para isso em 67, começou a pedir para vários militantes, ‘escreve sobre tal coisa’, e eles passaram aqueles papéis para ele que usou como matéria-prima para redigir esse livro.
- CM: No meu caso, quando eu fui para a ALN, saí da DI e fui para a ALN, foi a primeira coisa que li, como se fosse o batismo.
- TA: Era como se fosse o livrinho vermelho da ALN, entretanto, o mini manual não constituía o único elemento para a formação político - militar do militante, nem tampouco era uma “Bíblia”, seria o cúmulo do reducionismo.
- CS: Tem uma parte que fala sobre a necessidade de captação de munição de uso imediato, não se estoca munição, é perigoso, isso cria uma série de problemas, quer dizer, é um livro prático, concreto, captado em algum lugar e em algum momento histórico. Ele tem várias passagens assim Agora, tem uma parte aqui que fala dos 7 pecados capitais da guerrilha urbana, fala de vaidade, falta de experiência.
- WB: O Marighella e o Toledo tinham os seus assessores especializados. O Marighella já em 68 estava sobrecarregado. O Marighella era um cara assim: se a gente estivesse sentado conversando, ele entraria, puxaria uma cadeira, ficaria dando palpite na nossa conversa. Se a conversa fosse por aí, ele saía e ia embora, você não saberia quem era aquele cara, então, ele se metia em qualquer lugar, cobria os pontos da ALN, andava para cima e para baixo. Ele não era um cara cuidadoso no sentido de estar se resguardando, mas ele tinha os seus contatos, por exemplo, vou contar uma anedota sobre isso: no golpe de 64, tinha um núcleo de sargentos na Vila Militar que ficou indignado com o golpe de 64. Eles se reuniram e queriam fazer um levante para fazer uma demonstração de força e mostrar que o movimento nacionalista não era fraco. A maioria desses sargentos era de brizolistas, janguistas, nacionalistas, não comunistas, e obviamente no meio deles estavam comunistas, socialistas. ‘Eles deram o golpe, deixa

para lá, vamos nos organizar, aproveitar que estamos aqui dentro e vamos mais adiante fazer alguma coisa'. No dia mais ou menos 5 de abril, esses caras convidaram o Marighella para uma reunião e o Marighella foi lá se reunir com os milicos. Eram todos sargentos, os caras mais altos que tinham eram dois tenentes do corpo de paraquedistas. Eles queriam o apoio do PCB, 'Nós temos o seguinte projeto, nós vamos tomar uns tanques, uns caminhões, botar um combustível nos carros-pipa, vamos para o centro do Rio de Janeiro, na embaixada americana, molhamos tudo aquilo com gasolina, metemos bomba, queimamos a embaixada americana e matamos todo mundo que passar na frente. Vai aparecer polícia, mandamos bala e acabou'. E para você ter ideia de como funcionava a cabeça do Marighella, ele disse 'Eu vou fazer umas consultas no partido, e digo alguma coisa para vocês amanhã'. Ele foi direto para a casa do meu sogro, o Durval Miguel de Barros. Ele tinha muito respeito pelo meu sogro e desde 35 eram amigos. Chegou lá e disse: 'estou com um problema que é o seguinte', eu sentei na mesa como um penetra, eles dois conversando, aí ele contou a história: 'tem um bando de sargentos que querem se levantar, então, não é melhor a gente queimar a embaixada americana?' Ele tomou um esporro federal: 'você é maluco, está virando aventureiro, como você vai fazer uma coisa dessa? Agora temos de preservar a integridade deles'...

Então, eu, várias vezes, fiz trabalho de ligação entre eles. Ia um coronel do exército na ativa, Toledo, Mario Alves, Marighella, meu sogro e faziam umas reuniões num sítio no interior do estado do Rio. Ficavam lá dois, três dias, discutindo, elaboravam documentos, discutiam táticas de guerrilha, eles tinham os seus coletivos. Os velhos militantes deles, aqueles caras que eram generais do exército, do partidão, eles tinham acesso aos caras para conversar e trocar experiências e eu diria até gente do exterior, por exemplo, os cubanos vieram aí várias vezes. O Marighella havia ido à China. O Marighella foi dirigente da seção de campo do PCB. O meu sogro foi da segurança do PCB, segurança do Comitê Central, foi chefe da segurança do Prestes durante muitos anos e um dos organizadores daquele levante de camponeses da linha do manifesto de agosto. Então, eles se conheciam e tinham intimidade de dar bronca e continuar tudo normal, sem ficar aborrecidos. 'Ah, não, ele

está na posição de direita e eu sou mais à esquerda'. É evidente que o meu sogro estrategicamente estava à direita deles todos, porque ele não participou diretamente da luta armada, não foi assaltar banco.

Por exemplo, encontrei um companheiro, que era dirigente do trabalho de campo de São Paulo, que me encontrou por coincidência no Rio de Janeiro na casa de uma pessoa. Ele não conseguia contatar o Marighella, e me pediu para que eu o contatasse. Ele escreveu um papel até à lápis, dobrou, me deu e entreguei ao Marighella aqui em São Paulo. Então, eles tinham vínculos dentro do PCB de 30 anos de vida de militância deles. Eles podiam chegar nas pessoas, da mesma maneira que nós podemos chegar e conversar uma coisa entre nós. Apolônio, por exemplo, chefiou a guerrilha francesa contra os alemães na região de Marselha, não é pouca coisa. Ele tomou um forte em Marselha. Foi major, serviu como tenente na guerra civil espanhola até major comandante de batalhão. Esses caras todos conspiravam e tinham documentos velhos, um monte de documentos da China que trouxe em francês e foi traduzido para o português. Naquela época, em 61 e 62, eu acho que eles tinham um acervo de conhecimento militar que redundava num texto como este. No Minimanual e em outras coisas também. O que eles não tinham era uma escola para formar em série, porque isso tudo que a gente está falando aqui no meu modo de ver se resume em uma coisa: o quadro tático, o guerrilheiro, é como um fósforo, você risca e usa até o fim ou joga fora, mas você não vai colocar na caixa de volta, você não vai acender de novo, a cabeça dele já foi. A ALN tinha 120 guerrilheiros. No momento que se juntou com o Xuxu, somando todo o grupo de combate (ativa e reserva) dava 120 pessoas. No ano que vem você teria que ter outros 120 para substituir aqueles porque vão estar todos mortos e esse era um problema da ALN. Nós talvez não devêssemos ter feito a guerrilha porque não podíamos garantir o fluxo, nós não tínhamos de onde tirar quadros para substituir os que iam morrer rapidinho. No primeiro ano, o pessoal durou um ano e três meses, a partir do segundo ano, a vida média de um guerrilheiro na rua era 4 meses ou 6 meses. Ia embora rapidinho: ou morria ou era preso. Uma organização militar tinha de ter outro grupo para substituir. Queimou uma lâmpada, tem que ter outra lâmpada para trocar. É isso que o

inimigo não vai aguentar, a Dops não vai aguentar 24 horas de luta contra uma organização de guerrilha urbana que todo dia faz 3, 4, 5, 6 coisas na cidade e que mata um monte de gente. Em 3 ou 4 anos continua lá. Então, mesmo que a cúpula dessa organização, a Dops, não seja liquidada por aquele movimento guerrilheiro, eles fundem, eles desistem. Isso a gente não teve, ninguém se preocupou em montar, ninguém se preparou. Eu acho que o Marighella subestimou o caráter explosivo da ação que foi desencadeada, porque em junho de 68 a situação era uma e em dezembro de 68 a situação era outra e em março de 69 isso aqui era um inferno. Este eixo, Rio e São Paulo, era um inferno, era batida e tiroteio todo dia, tinha tiroteio, tinha correria, tinha gente tomando carro, virou guerra. E guerra você não faz com 100 caras, você faz com 500 caras por ano.

TA: Realmente, não tínhamos uma política de quadros para repor de forma sistemática as perdas naturais do processo de combate talvez, por uma visão imediatista, com a perda da visão estratégica do processo revolucionário.

WB: O que dizia o Onofre, o Ronaldo Gordo, da VPR? Eles diziam: 'Nós nos metemos numa situação em que vamos ser exterminados porque não temos apoio de nenhuma potência para fazermos isso'. A nossa grande característica era a temeridade.

EB: Tinha-se essa compreensão já na época?

WB: Entre o pessoal da VPR, a conversa era essa. E o Marighella mesmo dizia, "nós vamos morrer e a geração que vem atrás da gente vai ganhar essa guerra..." Então, ele estava esperando ser apagado mesmo.

CM: O Joaquim Câmara Ferreira disse que ele sabia que ia morrer, mas por uma questão até de princípio, de ética, que não podia mais voltar atrás. Ele esperava formar um grupo que sobrevivesse.

WB: Agora você vê, uma coisa é você pegar um quadro experiente, como Câmara Ferreira, Marighella, que em 35 já estavam ferrados, então em 1960 eles tinham 35 anos de luta contra o capitalismo, não é brincadeira. E você pegar um cara que tem 3 ou 4 anos de militância, e vê a pressão a que o cara está submetido. É como você comprar um parafuso na loja de ferragens e botar no carro para cumprir a função de outro parafuso específico.

TA: Toda essa afirmação do Wilson soa para mim um pouco contraditória. É um determinismo. Sabendo que íamos morrer porquanto esta era a lógica do combate e condenados pela fatalidade e que somente uma geração futura poderia alcançar a vitória. Isso significaria também que a geração veterana, nossos dirigentes máximos estavam nos levando, os jovens, para o “buraco”. É uma conclusão à qual eu não gostaria de chegar. Ela nos levaria à caracterização de que fomos inocentes úteis, agimos sem consciência. Mesmo que com romantismo, com idealismo, e com um pé um pouco fora da realidade, fizemos uma opção com convicção dentro do nível de consciência que nos era permitido naquela época, e não me considero que nós fomos mera “massa de manobra” ou “inocentes úteis”. Acredito que o Wilson não quis dizer isso.

WB: Eu concordo com o seu raciocínio do ponto de vista do militante político, mas do ponto de vista do militante revolucionário eu não concordo. Esse eu acho que é o grande problema que nós tivemos na esquerda brasileira e latino americana em geral: não falar a verdade, porque se você observar em todas as revoluções que foram feitas, o partido cria três tipos de quadros, o operacional, o estratégico e o tático. O quadro estratégico é protegido porque é o cérebro do partido, é tratado com um monte de regalias, tirado do país, colocado no exterior, escondido, escoltado. O quadro operacional não pode ser apanhado com a mão na massa porque senão vai toda uma organização. O quadro tático é carne de canhão, quer dizer, o cara que entra na revolução e não quer ser carne de canhão, não é revolucionário. Ao dar aquele passo, ‘vamos fazer luta armada’, você tem de dizer para o cara ‘você é carne de canhão, você pode morrer ou não’. Ao longo da luta você será promovido, mas agora tem que por a mão na massa.

EB: E a mentira que você está dizendo era essa? Não explicar do que se tratava a luta armada?

WB: Os dirigentes sabiam disso, o Toledo sabia disso porque ele conhecia a revolução na China, na União Soviética, e eu como estudante de história que estudei aquelas revoluções sabia disso, não vai sobrar ninguém. Agora, quem tinha a ilusão de que ia sobrar, ainda estava na era romântica. Paciência, era carne de canhão, mesmo. Se você quiser mesmo fazer revolução. Ou então desiste. O que é um soldado do exército? Carne de canhão.

EB: Em que altura da brincadeira vocês perceberam isso?

WB: Eu percebi isso cedo, muito antes de ALN, lá por 66 e 67. Eu sabia que a gente estava descendo uma ladeira e eu falei para um monte de companheiros naquela época, ‘nós vamos nos ferrar, não temos condição’. Agora nunca cheguei a achar que o fim das nossas organizações era o fim da guerrilha. Podiam se formar outros movimentos, eu não era pessimista, não pessimista a ponto do que aconteceu na América Latina.

CM: Eu sabia que a morte era uma possibilidade, não tinha muita saída, isso eu sabia e integrei a luta consciente disso. Agora eu acho que tinha uma outra coisa: a maioria não estava nem aí para isso. Eu não estava nem aí para isso. A ALN me apresentou naquele momento, através do Antônio Sérgio, a possibilidade de fazer isso, eu fui fazer, sabendo. Tanto que seis meses depois eu estava preso. Tudo bem, mas eu sabia que isso poderia acontecer, agora eu não conseguia dizer não, isso passava pela gente, como é que eu ia dizer não naquele momento, com o amor que eu tinha pela revolução? Com a admiração que eu tinha pelos meus companheiros? Não podia.

WB: Fazia parte do nosso romantismo uma onda de sacrifício. O jovem não ama a vida, ama a aventura.

CM: É isso, outro dia estava dando uma palestra, estava dizendo ‘as palavras tem o seu tempo e lugar’. Hoje eu falo assim para meus alunos que a revolução não tem sentido, luta armada, guerrilha não têm sentido. No entanto, essa palavra revolução fazia parte de cada minuto da minha vida. Eu via o mundo de forma diferente.

WB: Você tinha vergonha de não fazer nada. Acreditava na humanidade.

EB: Você podia falar um pouco da circunstância desse sacrifício, você disse que seis meses depois você estava preso, como é que foi?

CM: Eu não participei de nenhuma ação armada. Eu era a fachada legal de quadros da ALN que estavam no RJ. Isso em 69. Eu caí em 70. Então, eu sabia da existência de outras pessoas, nós tínhamos nomes frios, por exemplo, o José Nilton no aparelho a gente chamava de Simonal. Cada um de nós tinha um nome frio. Tinha um deles que eu já conhecia que me levou para a ALN. Eu cuidava, por exemplo, de levar para São Paulo, embarcava para São Paulo, ou arranjava documentos falsos através de contatos

com outras organizações. Houve uma pessoa de uma tradicional família do Rio de Janeiro, Jacobina, que foi presa, e contactou uma pessoa do nosso grupo, o Guarani, que era o ponto de contato lá na farmácia: ‘eles me pegaram, mas não falei nada e me soltaram’. Jacobina, tinha almirante na família. Ele fez acordo e levou o Guarani. Então, o Guarani tinha pontos para cobrir, não falou nada e foi seguido até chegar ao aparelho que eu guardava e dava fachada legal. Estava cheio de material para levar para o campo, arma, tinha de tudo naquele apartamento. Aí me pegaram, e não pegaram mais nenhum outro. Não consegui falar, no meu caso particular. Uma questão de amizade tão grande, um respeito tão grande, que não ia entregar. E o Antônio Sérgio por acaso voltou, mas não consegui falar comigo e foi à casa da minha família. E a minha família disse ‘ele também não apareceu aqui em casa’. ‘Então, ele se mandou para São Paulo’. Ele percebeu e se salvou ali. Porque ia chegar lá e tinha gente ainda no aparelho esperando por ele. Foi assim que esse grupo caiu, o Toni e eu, depois indiretamente o Bacuri, o Guarani. No meu caso, foi isso, uma pessoa que passou para o inimigo.

AA: Se os quadros estratégicos sabiam que essa viagem seria de longo prazo e deixaram isso bem claro, e em que momento essa reposição dos quadros táticos não deu certo?

WB: Como esses quadros não estavam psicologicamente preparados, os que estavam na primeira linha, quando começaram a cair, você aperta o botão para a segunda linha, mas não funciona. Os caras não se apresentam, as células que estão montadas e que tem que sair para fazer as ações não fazem. Ou se estão fazendo, ficam sobrecarregados. Ao invés de ter 30 pessoas na rua, você tem dez, e aqueles dez ficam sobrecarregados, evidentemente aquele processo vai se esfacelando. Só se contasse em detalhes, até hoje eu não me disponho a contar em detalhes aquela experiência. Vou contar só uma coisinha como exemplo.

Estava aqui em São Paulo, cheguei ao Rio na casa de uma companheira que me servia de apoio, que além de me apoiar, apoiava também um pessoal do MR-8 fluminense. Ela chegou e disse assim, ‘Wilson, você conhece fulano de tal?’, ‘Conheço o irmão dele e o conheço de vista’, ‘Ele quer um contato com você, você tem como acioná-lo?’, ‘Eu tenho um telefone’. Mas é o seguinte, ele precisava falar urgente comigo. Mas ele não sabia que ia chegar ao Rio naquele dia, então ela estava com o recado há

alguns dias. 'Se você tiver condições de contatá-lo, procure marcar alguma coisa o mais rápido possível'. Marcamos um encontro às 8:30 da noite. Fiquei lá sentado às 08h30 da noite, mas eu estava em um lugar de apoio, que pode acontecer de tudo. Eu tinha duas 45, tirei as travas, botei debaixo da perna, e fiquei lá sentado, porque ele podia vir, mas podia vir com problema. Eram 10 horas da noite, ele não veio, então eu fui embora. Peguei minhas duas 45 e fui embora, com as mãos na cintura. Quer dizer, o que acontecer, você resolve, então, todo mundo fazia a mesma coisa, em todas as organizações, não havia um sistema de apoio. Depois eu disse à minha amiga: 'Olha, eu não sei a urgência que ele tem para falar comigo, diga a ele que na semana que vem no mesmo dia aqui às 4 horas da tarde'. Fui embora, na semana seguinte voltei e fui lá às 4 horas da tarde. 'Você contactou o fulano?' 'Contatei'. 'Ele vem ou não vem?' 'Ele morreu. O CENIMAR o jogou de um prédio. Ele foi encurralado pelo CENIMAR, houve um pega-pega, o CENIMAR declarou que ele se jogou pela janela. O pessoal disse que ele foi jogado'. Parece que ele foi jogado. Então, é uma amostra de como a coisa derrete, a coisa derrete na sua mão, e você corre de um lado para o outro, fazendo remendos. Você vai para um lugar que é seguro, você chega lá e a pessoa diz, 'Não fica aqui, não, a polícia esteve aqui anteontem procurando por beltrano, por você'. E você cai fora. Em cada lugar você tem um nome de guerra. Você tem que lembrar qual é o nome de guerra que você usa naquele lugar. É chapa quente.

Psicologicamente você entra em espiral, um processo, que eu, por exemplo, só saí quando já estava asilado na Suécia há mais ou menos um ano. Foi lá que a minha cabeça começou a sintonizar para as coisas que eu estava fazendo, porque você fica piradinho. Você está pronto para atirar em qualquer um a qualquer momento. Você está correndo de um lado para o outro, fazendo as coisas. Porque vai cair o mundo, porque você aciona um esquema que não funciona. Por exemplo, quando a ALN se formou eu tinha no Rio 18 operários, filhos de operários, que normalmente eu teria levado para o partidão, porque eu conhecia os pais deles, eu me reunia com eles, dava assistência, distribuía material. Quando eu parti, peguei o endereço deles todos como se fosse um contato comercial, fiz uma lista e dei para o Toledo, 'Toledo, todos para a ALN'. Onde estão eles hoje? Não sei. Aonde eles foram? Nunca

mais encontrei. Então é uma coisa assim completamente que derrete, o trabalho derrete. É duro não ter retaguarda. É difícil dar um sentido estratégico para o trabalho tático. É você ter toda uma estrutura que você pode colocar no lugar das que vão se acabando, mas não poder ou não saber pô-la em ação.

LS: Wilson, você me falou uma vez que conversou com o Marighella em um dos últimos momentos em que o viu, e colocou para ele esse problema, da não renovação dos quadros.

WB: Tinha muito pouca gente. Ele dizia o seguinte, 'que nós sofremos uma derrota em 64, mas nós não podíamos desistir, então, nós tínhamos de fazer aquilo que a gente sabia que era certo e enquanto a gente tivesse condições de fazer. Se a gente fosse liquidada, a geração seguinte que era o pessoal novo, o pessoal de 20 anos, tinha de levar adiante aquelas tarefas. Então era esse o tipo de raciocínio.

LS: Mas se não havia mais renovação de quadro...

WB: Ele apostava no otimismo, porque 'Qual é o trabalho da ALN?' É o trabalho que eles montaram. Eles só podem apostar em um trabalho que eles montaram, eles não podem apostar em um trabalho que eles não montaram. Então, isso não tem escapatória. Mas a conjuntura da época podia oferecer reviravoltas. Era uma época de lutas.

CM: Hoje em vários acampamentos do MST, você vê retratos do Marighella, em vários deles.

TA: É de domínio público que o MST cultua a figura do Marighella mas dentro do marco de resgatar o exemplo de luta de todos os líderes mais expressivos da história do nosso povo e do nosso país.. Entendo que eles não desejam reproduzir mecanicamente a concepção e os métodos de luta de Marighella que teve sua expressão objetiva numa conjuntura histórica determinada porquanto entender que a via da revolução violenta, a luta armada, a luta guerrilheira não se situa hoje na ordem do dia. Estamos no momento de luta pela ampliação e aprofundamento da luta pela democracia, pela liberdade e pela igualdade.

WB: Então, como é que você vai fazer luta armada sem quadros? Sem nenhuma fronteira de apoio, você não tem nenhum governo externo formando seus quadros, você não tem conflagração. Sua organização vai minguar e descer para um patamar inferior de organização política e militar.

- LS: Mas, as duas primeiras coisas vocês não tinham naquela época?
- WB: Não tínhamos, mas tínhamos a conflagração. Você faz luta armada para multiplicar seus quadros, não para perdê-los. Faltava apoio.
- LS: E em Cuba?
- WB: Em Cuba é muito pouco. Cuba é do tamanho de Pernambuco, com PIB pequeno. Não tinha recursos para apoiar.
- TA: Nosso ponto de vista teórico, pelo menos, era o Che.
- CM: Che, o grande herói!
- LS: Na época da luta armada você era estudante? Você estudava o quê?
- TA: Sim, eu trabalhava na fábrica da General Motors de São José dos Campos e cursava Ciências Sociais na Faculdade Valeparaibano, hoje UNIVAP. No início do 3º. Ano, fui demitido da fábrica e em razão disso solicitei minha transferência para a FFCL, na ocasião funcionava no prédio da Maria Antonia. Vindo para São Paulo morei inicialmente no prédio da Casa dos Estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto na Avenida São João aonde residiam vários militantes da ALN, Arno Preis, José Leme de Macedo, João Leonardo da Rocha, Chitão e outros. Posteriormente fui morar no CRUSP após participar da invasão do Bloco “G”, dirigido pela AURK (Associação Universitária Rafael Kauan) e pelos estudantes da dissidência estudantil de PCB que visava abrigar centenas de estudantes provenientes do interior que não tinham moradia ou viviam de forma precária junto com seus colegas nos demais blocos. Nessa ocasião vencemos as eleições do Grêmio da FFLCH e tivemos que tomar com veemência o controle da gráfica e do Cursinho Vestibular que a antiga gestão resistia em nos entregar a posse.
- LS: Mas não tinha o fato de que o local de recrutamento, a base social de recrutamento era principalmente estudantil, não chegava na classe operária, ou chegava muito pouco?
- TA: No setor militar da ALN a participação maior foi de estudantes e de profissionais liberais com reduzida participação de militantes operários pois a maioria deles permaneceu no seu local de trabalho se organizando e atuando de forma clandestina pois os sindicatos estavam sob intervenção do Ministério do Trabalho da ditadura.

WB: Por exemplo, o partido tinha Comitê, não tinha uma base, tinha um Comitê na Pirelli. Quando você forma um Comitê você tem de ter pelo menos três bases. Se você pegasse essa zona metalúrgica de Santo Amaro, o partido tinha mais de 500 operários, mas o problema é o seguinte você não leva um operário para a guerrilha com a mesma facilidade que você leva um estudante. O operário está na miséria, está sustentando a mãe dele, a mulher, os filhos e, então, os meios deles são precários, e ele para tomar uma decisão daquela vai custar muito mais do que ao cara que mora no CRUSP. Porque o operário está querendo trazer a família dele do norte de Minas para a favela e o outro cara está fazendo curso de história, biologia, ciências sociais, e ele pensa assim: eu posso terminar esse curso depois da revolução. Então é completamente diferente. A aderência depende de decisões individuais, quem toma as decisões são as pessoas, não é o partido que recruta. Se você olhar os bolcheviques, mais da metade dos bolcheviques nos anos 1890 eram engenheiros, advogados, professores e professoras e estudantes universitários.

LS: Mas, o partido comunista tinha aquela conversa obreirista de que tinha de ter aquela direção operária, ou predominantemente operária.

WB: Isso não é físico, é ideológico. A direção operária é uma ideologia, não é um ato físico. É claro que essa direção partidária da classe operária era formada de operários etc.

LS: Mas, em alguns momentos extremistas são entendidos como físicos, né? Como nos anos 29 para 30, aquela proletarização, no PCB ainda?

WB: Aí, não uma proletarização do PCB física. É porque o PCB não tem ligações naqueles lugares e precisa converter os quadros não proletários em proletários. Ele fez isso várias vezes no Brasil, nos anos 20, na linha do manifesto de agosto, e a AP (Ação Popular) fez nos anos 60. Quer dizer, você está montando um partido que quer tomar o poder, quer dirigir a revolução, você tem um monte de estudantes, você apóia o movimento estudantil, não tem nada no movimento camponês, você tem que pegar os caras e mandar para lá, enquanto estrutura de movimento estudantil, se você quiser. Você precisa penetrar nos setores sociais que são importantes para sua estratégia.

- TA: É o que ocorreu na revolução cultural na China de Mao, com o envio forçado de membros da classe média urbana para a área rural com o objetivo de se proletarizarem.
- CM: A DI logo depois do sequestro em que nós saímos, mandou todo mundo para as fábricas lá no Chile, lembra disso? Eu me lembro até de um companheiro dizendo para mim, 'Olha minhas mãos de operário'.
- LS: Wilson, por que você foi ao Uruguai?
- WB: O meu negócio no Uruguai foi outra coisa. Digamos assim, é que eu tinha umas tarefas e era de um coletivo meu e em virtude de uma série de reviravoltas que começaram a ocorrer. Eu comecei a tirar uma parte do meu coletivo lá para o Uruguai e por razões outras eu tinha contato com o PC do Uruguai. Eu instalei um pessoal de um coletivo mais ou menos grande, umas 15 pessoas. É que eu tinha umas tarefas para fazer na Argentina. Isso em 68 e 69, por isso que eu ia muito para lá. Fui preso no Uruguai em 1969. Eu tinha um apoio ali, um esquema montado.
- LS: Havia infiltrados ali?
- WB: Sim. A colônia brasileira era infiltrada por pessoas trabalhando para a polícia nas organizações de esquerda. Já tinha isso tudo.
- CM: Mesmo no Chile. Quando nós chegamos ao Chile em 71, fomos recebidos e o governo do Allende nos mandou a um antigo colégio: um internato.
- WB: Era um Centro de treinamento de meninos desajustados. E o prédio tinha uma tropa da polícia militar do Chile.
- CM: Aí aparece um camarada que era jornalista. Nós fizemos uma grande exposição na frente da Universidade Católica, que ficava na principal Avenida de Santiago, junto com os artistas chilenos que pintavam painéis, distribuía material. A gente partia para fazer palestras em vários lugares, eu como um dos coordenadores.
- TA: Cabe aqui abrir um parêntesis e informar que o Wilson, o Chico Mendes e eu fomos enviados para o Chile em razão do sequestro do embaixador suíço Enrico Bucher que possibilitou a libertação de 70 prisioneiros políticos. A Encarnação, ex-esposa do deputado comunista José Maria Crispin, também era uma das 70. No início de 1971, numa noite em Santiago do Chile, a Encarnação, eu, o Chiquinho e alguns outros

companheiros estávamos de plantão visando proteger uma exposição elaborada pelos exilados brasileiros contendo vários painéis de denúncias da ditadura do Brasil. De repente surge da escuridão da noite um rapaz tentando destruir os painéis. A Encarnação, uma senhora de idade avançada, se lança sobre o agressor-provocado, transformando sua bolsa em arma até que conseguimos dominá-lo e entregar o agressor à polícia chilena.

CM: E um dia apareceu um camarada rasgando tudo. A gente chegou e botou ele para fora. O camarada foi recebido aqui no Brasil pelo Médici, saiu no jornal e tudo.

TA: Este rapaz com certeza era um agente provocador enviado pelas forças repressivas do Brasil para nos espionar e promover provocações. Expulso do Chile foi recebido no Brasil com honras de herói da pátria e tendo sido entrevistado no horário nobre pelo apresentador Flávio Cavalcanti, personagem da ultra direita que dentre outras coisas, afirmou: “Takao Amano, um terrorista nipo-brasileiro denigre a imagem do Brasil...”. Muitos anos depois ao regressar ao Brasil eu fiquei sabendo que meus pais foram severamente criticados por alguns dirigentes da colônia japonesa residente no Brasil afirmando que “... o seu filho manchou a imagem da colônia japonesa deixando-nos envergonhados...”.

WB: Mas acho que entre os homens na colônia, seu prestígio não caiu tanto. Japonês gosta de homem valente.

LS: Você “caiu” como?

TA: Eu fui preso em um tiroteio na Alameda Campinas com a Avenida Paulista aproximadamente às 19 horas da noite. Fazíamos expropriação dos carros para as nossas ações e tínhamos o hábito de estacioná-los na rua e todos os dias procurávamos movimentá-los mudando-os de lugar. Paralelamente a este setor havia outro que tinham a incumbência de só “roubarem” placas de automóveis e outro grupo que se especializar em “roubar” carros. Quando íamos “roubar” um carro, o setor de placas nos trazia um par que iríamos colocar no carro a ser “roubado”. Ocorre que por pura coincidência a placa de um carro branco de marca X coincidiu exatamente com um carro branco de marca X. O que não mudou em nada a sua característica. Não sabíamos e não poderíamos saber da coincidência que tornou mais fácil a polícia nos localizar, ou seja, localizou o carro e ficou na espreita, com a emboscada pronta. Era a equipe do esquadrão

da morte do delegado Sergio Paranhos Fleury. Chegamos, eu e o motorista Carlos Lichtenstein, aproximadamente às 19:00 horas e ao entrar no carro já recebemos a saraivada de tiros que quebrou o braço e fêmur do motorista e ele tombou no volante. Eu recebi um tiro na perna esquerda calibre 44 e ao conseguir abrir a porta saí do carro e desci a Alameda Campinas por duas quadras e tombei. Eu não conseguia mais andar em razão da perda contínua de sangue. Mesmo feridos fomos levados à delegacia da Rua Tutóia, sede da Operação Bandeirantes, e mesmo feridos e sangrando, nos torturaram numa maca aplicando choque elétrico. Após horas de tortura, desmaiamos pela perda de muito sangue e nos levaram para o Hospital Militar no Cambuci para tomar soro e no dia seguinte começaram as seções de tortura.

WB: A troca de placas era a “Marta Rocha”. Porque alterava a placa em duas polegadas

TA: Com essa manobra você tinha um carro novo, porém a repressão foi estudando nossos métodos de atuação e nos pegaram.

WB: Já pegava as placas esfriadas. Aí você já ia e roubava um monte de placas, guardava tudo. Depois de 15 a 20 dias, você começava a usá-las para cobrir as placas do carro que você tinha roubado.

TA: Um dia quando fomos buscar um “fusca” na Alameda Campinas com a Avenida Paulista no início da noite, a equipe do delegado Fleury havia montado uma emboscada em torno desse veículo. E quando entramos no veículo, o companheiro Carlos Lichtenstein, nosso motorista, e eu os tiros vieram atingindo o motorista no braço e na perna e ele tombou ao volante e eu apesar de receber um tiro de 44 na coxa esquerda ainda pude abrir as portas do carro e correr em direção aos Jardins. Isso foi possível porque estava escuro e os policiais estavam atrás de um muro do outro lado da calçada, atiraram, mas não me atingiram. Consegui correr apenas uns 3 a 4 quarteirões e não mais conseguia em razão da perda de sangue e por não mais sentir a perna.

AA: Já havia ocorrido um outro incidente com membros da organização no mesmo dia, na mesma rua, né?

TA: Ah, sim, mas que coincidência. A Alameda Campinas cruza a Avenida Paulista e um outro grupo do GTA que não tínhamos contacto havia estacionado um carro na mesma

rua só que do outro lado da Paulista. Foram às 17 horas e eles mataram o companheiro Balboni e o Manoel Cyrillo que o acompanhava saiu correndo a pé e roubou um carro na Rua Augusta conseguindo fugir. A polícia limpou a cena do crime e mais tarde as 19:00 horas, aproximadamente, nós, sem saber do ocorrido, fomos emboscados na esquina da Alameda Campinas com a Avenida Paulista do lado dos Jardins.

WB: Hoje em dia tudo seria completamente diferente, hoje em dia não tem mais lugar para você fazer guerrilha daquele tipo.

CM: O grande veículo de mobilização é a internet, o twitter.

WB: Hoje em dia se você quiser enfrentar o aparelho do estado, você tem de maximizar o terrorismo e a ação armada é fundamentalmente com *snipers*.

LS: A Argélia era então uma inspiração para vocês?

TA: Sim, nós assistíamos o filme “Batalha de Argel” que retrata a luta dos argelinos contra o colonialismo francês assim como liamos o livro “Memórias de Um Terrorista” (por Avner) pertencente a organização de resistência israelense Stern, na luta contra o colonialismo inglês em 1948 e a criação do Estado de Israel que nos ensinavam alguns elementos de tática e de organização e os meios de ação.

Exílio e Reavaliação

LS: Vocês três estavam no Chile durante o golpe?

CM: Eu estava um pouco mais longe do Palácio do governo, a uns quinhentos metros. Era casado com uma chilena, ela estava grávida, o médico tinha dito que a criança ia antecipar. Ela já tinha tido vários abortos naturais e eu não podia sair na rua, porque o tiroteio era na minha rua. Eu morava em um local bem central. Era uma galeria que tinha duas saídas, saía de um lado era tiroteio, saía de outro era tiroteio. O pessoal do Mapu (Movimento de Ação Popular Unida, uma organização chilena) com quem eu trabalhava, tinha levado um dinheiro para deixar lá em casa. E o rádio ligado, tinha de ligar e desligar, era uma agonia danada porque eu sabia que o nosso nome estava sendo chamado. Nós chegamos ao Chile, e fomos oficialmente recebidos pelo governo chileno, nosso nome estava na polícia internacional. E eu não queria afetar minha mulher de jeito nenhum, eu pensava: ‘Se essa criança nasce agora’. A criança hoje

tem 37 anos. Eu falei com a minha mulher para que ela fosse até a vizinha para telefonar para a mãe dela, a vizinha começou a gritar que ia chamar a polícia, fomos embora e conseguimos chegar na casa da minha sogra. Aí eu comecei a sair, telefonar, para ver as pessoas, fui à casa do Maurício, da Lúcia, porque não sabia de ninguém, do Sérgio com a Regina, o apartamento tinha sido todo metralhado. Acabamos nos metendo dias depois na embaixada argentina, na Argentina ficamos presos. Depois o Perón estava voltando, e nos deu a permissão para ficarmos mais três semanas lá, e dali fomos para a Suécia.

LS: E você também foi para qual embaixada, Wilson?

WB: Eu, quando do golpe, fiquei em casa algum tempo. Depois, o Jean Marc apareceu lá em casa dirigindo o carro do Dr. Victor Hugo. Tinha mais alguém lá em casa e nos levou para a embaixada do México. O Gilmar tinha passado na embaixada do México e viu a tropa que estava cercado a embaixada era da polícia militar chilena eles estavam deixando entrar, não estavam impedindo ninguém. Quem ficava ali era o comandante da tropa. Quando cheguei lá, essa tropa estava sendo rendida por outra. Estavam todos parados na calçada conversando, na hora em que fui entrando na embaixada do México. Tive que voltar lá na esquina para entregar uns bilhetes, daí entrei e a tropa que entrou já fechou a porta. Era 'não pode entrar, não pode sair', À noite alguns companheiros que tentaram pular o muro, eles mataram dois, um cara na rua, outro cara no jardim, eles mandaram para o hospital e morreram depois. Eu entrei na hora em que estava trocando a guarda e essa guarda que entrou é que passou a reprimir. A decisão dependia de quem estava no local.

CM: Uma coisa interessante. Eu estava com a mulher grávida, entrei na embaixada, que tinha um terreno grande, ficava nos fundos. O consulado argentino ficava na outra calçada. Quando eu vi que a porta da embaixada estava cheia de soldados eu entrei no consulado da Argentina. Virou o camarada e disse, 'Isso aqui não é território argentino, não', mas eu fazia teatro no Chile, e um casal me reconheceu, me chamou até pelo nome artístico 'Pancho Mendes', aí eu sabia da história dele, que ele tinha sido chefe de polícia na Argentina e como ele facilitou a fuga de alguns montoneros, perdeu o cargo, teve de sair da Argentina. Eu sabia da história dele por causa da questão do teatro, onde a gente se viu várias vezes.

LS: Então no caso do Takao, ele saiu antes do Chile, né?

TA: É fiquei apenas seis meses no Chile e como já havia o compromisso de regressar ao Brasil com a MOLIPO, cisão da ALN, formada basicamente de companheiros de São Paulo que foram realizar treinamento militar em Cuba. A crítica a ALN se referia, particularmente, ao fato de, por desvio político, não terem se dirigido para o campo para dar início a guerrilha rural.

WB: Os cubanos ao invés de consolidar as organizações, eles faziam apostas. Pegavam você e jogavam contra ele, pegavam ele e jogavam contra vocês dois e aí de acordo com o que eles avaliavam de desempenho eles davam mais apoio a um ou a outro, então o efeito disso a médio prazo é devastador. Eles não sabiam montar trabalho revolucionário.

TA: O pessoal do Molipo foi dizimado muito rapidamente com uma estadia no país de não mais que um ano. Desse pessoal, são sobreviventes José Dirceu e mais dois ou três companheiros.

WB: Cardoso, Capozzi está aqui em SP.

LS: Aí você foi para onde?

TA: Com as quedas do Molipo no Brasil minha volta foi cancelada e não havendo mais condições de regresso ao país permaneci em Cuba, estudando na Faculdade e trabalhando. Organizamos uma associação de exilados brasileiros em Cuba e montamos uma escola de idioma e história e geografia do Brasil para as crianças (filhos (as) de companheiros) e nessa ocasião retornei ao PCB.

LS: Resumindo, se a luta armada naquele momento era uma escolha correta, a única possível, dadas as circunstâncias, como vocês a avaliaram depois?

TA: Agora eu posso dizer citando o Guarani, 'o nosso erro foi que faltou munição'. (risos)

CM: Eu me julgo um derrotado, fui derrotado no Brasil, fui derrotado no Chile, fui várias vezes derrotado. Quando vejo hoje pouco interesse, pouco amor ao Brasil, pouco amor à humanidade, pouca vontade em mudar alguma coisa, eu me sinto um derrotado. Neste sentido. Mas a opção que a gente fez, foi a possível. E nós sentimos que era nossa, eu senti a luta, que aquilo era meu. E aquilo fez parte da minha vida e vai fazer parte da vida inteira, não só minha, mas agora também

dos meus filhos. Eles herdaram essas dores estas experiências, viveram no exílio. Eles se orgulham da história do pai. E a gente optou pelo que tinha que optar.

TA: Não me sinto derrotado nem tampouco vitorioso porquanto perdemos uma batalha, mas não a guerra, a guerra da luta de classes contra o capitalismo. Sinto como se tivesse tomado de assalto o céu como Marx se referiu aos combatentes da Comuna de Paris. E a luta continua!

LS: E a luta armada teve uma influência importante depois do relaxamento do regime, ou o retardou?

TA: Todo o PCB é unânime em assinalar que a ditadura é fruto do nosso esquerdismo pré Golpe de 64 assim como o recrudescimento da repressão na vigência da ditadura civil militar é obra dos “esquerdistas” e dos “patriotas equivocados”.

LS: Mas poderia pensar o contrário também, a ditadura viu que tinha resistência, que havia oposições...

WB: Nós pensamos o contrário. Eu acho que a luta armada criou o ambiente para a população brasileira se afastar da ditadura. Na eleição de 70, em plena luta armada em que nós fomos presos, a ditadura deu um banho no MDB. Depois disso mudou.

TA: Nesse momento (1970) o MR-8 fez campanha pelo voto nulo.

WB: Na eleição de 74, a Ditadura perdeu a eleição. Agora o que existe entre uma e outra coisa? A luta armada e a derrota militar da luta armada! A população abriu o olho, viu que os caras eram uns torturadores, bandidos, assassinos, falsos patriotas, eles se desmoralizaram. Não se pode separar a experiência da luta armada do sofrimento do povo.

TA: Creio que a resistência armada que alcançou um relativo vulto e galvanizou a conjuntura política nacional desde 1968 até aproximadamente 1973, contribuiu efetivamente para o desgaste da ditadura civil militar propiciando desta forma que o MDB conquistasse uma vitória acachapante, derrotando politicamente o regime que combinado com a crise do petróleo de 1973 decidiu pela abertura política “lenta e gradual” de Geisel e Golbery.

WB: Os advogados que atuaram na defesa dos réus diziam que até 73 as ordens repressivas tinham prendido mais de um milhão de pessoas. Então, se você pensar era uma peneira forte, porque a população daquela época era 90 milhões, quer dizer, um por cento dos brasileiros teve que ser levado lá dentro e passado

em um filtro. Demonstra que não era uma coisa de meia dúzia de provocadores. Estavam querendo desmoralizar todo mundo. Eles montaram uma máquina repressiva e usaram isso ostensivamente. Um dia ainda teremos os números das pessoas que eles mataram. Acho que eles mataram mais de cem mil pessoas. Mas eu não tenho os números, porque o esquadrão da morte matou em média 3 mil pessoas no Rio por ano naquela época, um pouco menos em São Paulo e outro tanto desses 4.500 no Brasil. Se você fizer uma conta, vinte anos, sete ou nove mil pessoas por ano, você já chega lá. Você pega os jornais e vê a quantidade de desaparecidos nos jornais daquele tempo. Você vai em um cemitério, faz uma pesquisa e vê quantos jovens morreram nos anos 70. Quer dizer, que todos eles morreram de acidente de automóvel? Nos anos 70, tem um monte de gente de 18 a 25 anos que está lá enterrado.

CM: Um dia estava dando uma aula sobre esse momento da história do Brasil que fazia parte do programa e uma aluna chegou para mim e disse ‘perdi o marido por causa disso’. ‘Mas o seu marido era militante?’. ‘Não’. ‘Mas como é que você perdeu seu marido?’ Ela disse que ele estava com os amigos em uma esquina festejando a vitória do Flamengo, com uma garrafa de cerveja em cima do capô. Ele não tinha consciência de nada e uma hora ele disse, ‘Abaixo a ditadura!’ que era uma palavra de ordem, todo mundo repetia e nessa hora estava passando uma viatura. Daí em diante levaram-no preso. Nada funcionou para libertá-lo. Ela disse o seguinte: ‘Resolvemos deixar isso de lado porque fui ameaçada e por isso passei um tempo em Roraima’. Impressionante. Muita gente entrou nessa assim que a gente nem sabe.

LS: O que vocês sentiram quando souberam da morte do Carlos Marighella?

WB: Eu estava sendo interrogado por aquele coronel Atila Rohrsetzer e o Fleury chegou para mim e botou um colt 44 em cima da mesa e falou assim ‘Cara, fala o que tem que falar senão você vai levar a mala pro seu chefe, eu já o despachei e agora despacho você’. A única coisa que me ocorreu dizer para ele foi: ‘essa arma é meio grande para quem usa uma arma’. Ele levou um susto. Ele vai dizer para mim que atirou no Marighella com um colt 44!? Ele ficou me olhando assim. Você sabe que ele começou a me chamar de senhor. Ele ficou meio desmoralizado.

- CM: Com toda a tristeza que a morte do Marighella nos trouxe, naquele tempo sabíamos que a luta continuaria. Acho que o nome do Marighella vai ser grande, nós vamos levar adiante, aquela história.
- WB: Eu talvez por estar preso, fiquei muito desmoralizado. Embora já esperasse.
- CM: Naquele momento eu não estava preso.
- WB: E o Toledo também, quando ele morreu a gente estava preso.
- CM: Aí nós cantamos a Internacional em homenagem a ele, lembra? Isso é interessante também, porque a luta não parou na prisão. A gente fazia greve de fome.
- WB: Era uma coisa estranha sabe por quê? Porque a sensação que eu tenho, é como se você tivesse sido roubado e tivessem tomado tudo. Os ditadores roubaram seus sonhos, roubaram o relógio que você usava, os documentos, o dinheiro que eu tinha no bolso, talão de cheque. E depois roubaram meus companheiros. Eles roubaram a minha realidade, eu fui preso em um mundo e quando fui solto o mundo era outro. Esta é a sensação que tive. Então, eu tenho uma atitude muito amarga diante das coisas. Se a pessoa me agride um pouco, eu já estou preparado para destilar venenos.
- AA: Mas, politicamente representou o quê?
- WB: Uma derrota, porque você saber que seus dirigentes e companheiros foram mortos é uma derrota colossal. E você sabe que o Marighella morreu, o Toledo morreu. Você sabe que essa ditadura e sua organização não vão ser derrotadas. Elas ficam nas pessoas e nas instituições.
- LS: O Marighella não esperava por isso?
- WB: Ele não queria deixar a luta. Ele tentaria lutar em qualquer condição.
- TA: Não tenho tanta certeza de que os nossos dirigentes, Marighella e Toledo eram 100% zelosos pela segurança.
- WB: Mas eu acho que ele sempre foi assim. Por exemplo, quando ele foi preso no cinema da Tijuca, na véspera eu fiz um ponto com ele ali na Praça Saenz Pena. Ele tentou marcar o ponto na Praça Saenz Pena, todo mundo disse, 'Não, vamos fazer na Rua Afonso Pena, uma rua para baixo'. Aí nós fizemos o ponto e ele foi caminhando para a Praça Saenz Pena. Ele disse assim, 'vamos entrar aqui na igreja', entramos na igreja da Afonso

Pena, a Igreja Santo Afonso. Aí conversamos na igreja e fomos embora. No dia seguinte, eu tinha um ponto com o Elias Mansur, que era secretário da base da filosofia. na Praça Saenz Pena. Mas nós éramos estudantes, não tínhamos a importância dele, um cara da direção do partido. E nos encontramos lá na Praça Saenz Pena e nós vimos um corre-corre, um bafafá, uma confusão do lado de lá. Trocamos os documentos que a gente tinha, conversamos algumas coisas e eu fui embora para a casa da minha mãe que morava no Andaraí. O Elias pegou um ônibus e foi embora. Quando cheguei na casa da minha mãe, deu no rádio que o Marighella tinha sido baleado e preso no cinema Sky. Quer dizer, ele fez um ponto comigo naquele dia e no dia seguinte ele estava cobrindo o outro ponto no mesmo pedaço. Acho que era o estilão dele mesmo.

- LS: Deixe-me apresentar o Cloves Castro que foi membro da ALN, e é militante do PT, da Articulação de Esquerda. Chegou para a entrevista do próximo número da Revista Mouro...
- TA: Camarada Cloves, nós estávamos reorganizando a ALN, você quer ingressar na recém-criada organização?
- CC: Eu nunca saí. E ela nunca foi extinta, também. Para mim acabou em 79.
- WB: Eu não diria que acabou eu diria que está em hibernação. Na próxima ditadura ela volta.
